

Ótica dos correspondentes

■ Capital atrai também como centro de poder

ISABEL SOBRAL

O fato de Brasília ainda ser uma cidade onde os grandes acontecimentos sociais e culturais não são tão freqüentes quanto no Rio e em São Paulo não chega a atrapalhar. A segurança e o ar puro, tão difíceis hoje nos grandes centros urbanos, compensam qualquer eventual deficiência. Essa é a opinião de grande parte dos correspondentes de agências de notícias, jornais e revistas estrangeiros que moram na cidade.

Como jornalistas, eles são os responsáveis pela imagem do Brasil no exterior. São eles que retratam a crise brasileira, o clima conturbado, as denúncias de corrupção. Mas são eles também que, atraídos pela capital como centro de poder, conseguem ver na cidade algo mais do que um local onde se produzem notícias. "Brasília é uma cidade única no mundo, é a cidade com mais luz e com o céu mais azul que já vi", diz, entusiasmada, a correspondente Glória Helena Rey, de nacionalidade

colombiana, da Agência AFP, que, depois de dois anos em Brasília, voltou à Colômbia na semana passada.

Atualmente, estão baseados em Brasília 18 correspondentes estrangeiros que trabalham, em sua maioria, para agências noticiosas, de sete países: Bolívia, Colômbia, Uruguai, Panamá, Estados Unidos, Rússia e China. Para a correspondente da agência AFP, esse é o principal atrativo da cidade: conseguir abrigar tantas culturas e visões diferentes. Outra vantagem que os jornalistas encontram em morar em Brasília é profissional. O panamenho Rafael Candedo, da agência Efe, que mora na cidade há três anos, afirma que a proximidade do poder facilita a cobertura dos fatos e a geografia ajuda nos deslocamentos pela cidade. "Estou a cinco minutos do centro do poder".

As críticas sobre a falta de eventos culturais são feitas principalmente pelo americano Richard Foster, que veio para cá como correspondente do *Wall Street Journal* e, encampadas, em parte, pelo russo Andrei Kourgouzov, da Agência Tass.